

# **RELATO DE EXPERIÊNCIA COM AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE SOBRE DEMANDAS DE SAÚDE MENTAL<sup>1</sup>**

**Aline Pasquali<sup>2</sup>, Salve Josielen Farinon<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> TRABALHO DESENVOLVIDO NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DA ESCOLA DE SAÚDE PÚBLICA DO RIO GRANDE DO SUL

<sup>2</sup> Residente do programa multiprofissional da atenção básica da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS). Graduada em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

<sup>3</sup> Preceptora de núcleo da residência multiprofissional da atenção básica da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul (ESP/RS). Especialista em Saúde Mental. Especialista em Estimulação Precoce.

## **INTRODUÇÃO**

As problemáticas relacionadas à saúde mental apresentam grande demanda aos serviços de saúde. Diante do contexto de pandemia, o sofrimento relacionado às perdas e às mudanças ocasionadas pela COVID-19 intensificaram tais demandas. Sabendo da importância do trabalho dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) na atenção básica, e do vínculo forte que possuem com os usuários do território, torna-se fundamental que esses profissionais sintam-se capacitados a dar um suporte aos usuários da área que atendem, para que seja possível amenizar as angústias desses usuários e, por consequência, diminuir a demanda de saúde mental nas unidades de saúde.

Os ACS trabalham com um conceito amplo de saúde, auxiliando a comunicação entre o serviço, a comunidade e os diferentes saberes. Têm ao seu dispor as tecnologias em saúde, principalmente as tecnologias leves. Desenvolver tais tecnologias depende, essencialmente, de seus conhecimentos e de seu empenho profissional, para que então, possam ter êxito e consigam interagir com o usuário, identificando suas necessidades e auxiliando na resolução das mesmas (CARLI et al, 2014).

Ao identificar tal demanda, a residente psicóloga do programa de residência multiprofissional, propôs espaço para compartilhamento das demandas em saúde mental no trabalho dos ACS de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF), possibilitando um olhar sobre o fazer dos mesmos.

## **OBJETIVO**

Proporcionar espaço para que os ACS possam interrogar-se a respeito de seu fazer relacionado à saúde mental, e para que se sintam capacitados a auxiliar os usuários de sua área que sofram com tais agravos, numa perspectiva de clínica ampliada.

## **METODOLOGIA**

A partir da demanda identificada, utilizou-se o dispositivo de conversação, para que através da palavra pudessem compartilhar experiências e a partir disso ter um olhar mais aprofundado sobre seu fazer, enquanto profissionais da saúde.

Foram realizados dez encontros semanais com duração de uma hora, onde foram abordadas temáticas relacionadas à saúde mental e o compartilhamento de casos para estudo. Os encontros foram coordenados pela residente de psicologia e supervisionados pela preceptora de núcleo da residência multiprofissional em saúde coletiva. Ocorreram em uma ESF, por ser unidade escola composta pela residência multiprofissional, podendo ser ampliado para as demais unidades de acordo com as possibilidades e interesses. Participaram seis ACS, que compõem as microáreas da ESF. Por acontecer em contexto pandêmico, foram seguidos protocolos de distanciamento de 2 metros, além do uso de máscara e cuidados de higiene para a proteção contra o Coronavírus.

## **RESULTADOS**

Durante dez encontros foram realizadas diversas trocas entre a residente de psicologia e os ACS. Além do compartilhamento de conteúdos teóricos e estudos de casos relacionados ao fazer do ACS em saúde mental, foi possível destinar momentos para o compartilhamento de angústias e dificuldades na rotina de trabalho. Foram manifestados sentimentos de sobrecarga de trabalho e dificuldade no manejo de demandas de saúde mental mais complexas. As temáticas dos conteúdos teóricos estudados foram sugeridas pelo próprio grupo, e o compartilhamento de casos foi surgindo de forma espontânea.

A partir do trabalho realizado notou-se que os ACS passaram a sentir-se mais seguros em suas intervenções relacionadas à saúde mental, antes vista como tabu. Como consequência, pôde-se observar uma diminuição na demanda de agravos leves, onde a escuta qualificada se faz presente como ferramenta fundamental no processo de trabalho. Foi possível também, esclarecer qual encaminhamento deve ser realizado ao identificar demandas de saúde mental graves.

Após feedback solicitado aos profissionais sobre o trabalho realizado durante os encontros, surgiram manifestações de sentimento de valorização de seu trabalho em um momento em que se sentiam invisíveis para o restante da equipe.

A partir do dispositivo de conversação foi possível identificar que, ao dar lugar à fala, os

sujeitos mobilizaram suas questões internas e também questões que implicam no outro, havendo um reposicionamento subjetivo.

Foi perceptível um posicionamento de fortalecimento do grupo, reafirmando o protagonismo enquanto profissionais da saúde pertencentes a uma equipe da atenção básica. Observou-se que, no decorrer dos encontros houve um melhor entendimento sobre corresponsabilização do cuidado e acolhimento enquanto escuta qualificada.

## **CONCLUSÕES**

O trabalho dos agentes comunitários de saúde (ACS) se configura através de uma linda e rica troca de afetos e de cuidado. Esses profissionais fazem parte da vida dos usuários de seu território e criam laços fortes de vínculo que facilitam a produção de saúde.

No decorrer dos encontros, com o estabelecimento do vínculo entre residente e os profissionais ACS, é possível observar que o espaço direcionado ao compartilhamento sobre demandas de saúde mental transborda para além do objetivo proposto. Por meio do dispositivo de conversação, os sujeitos envolvidos podem utilizar do seu lugar de fala para ouvir a si mesmo e ao outro, de modo a ressignificar o seu fazer e também expressar o não dito no dia-a-dia de sua rotina de trabalho.

A partir dos resultados positivos e do desejo dos ACS de um espaço de compartilhamento, é sugerida a continuidade do trabalho sob responsabilidade da nova residente da ESF. Sugere-se ainda, que seja disponibilizado espaço de educação permanente sob ótica interdisciplinar e que possam ser realizados trabalhos de valorização de tais profissionais, já que por diversas vezes expressam sentimento de abandono e desvalorização do seu trabalho. Tal constatação vai ao encontro de dados encontrados nas literaturas consultadas: o sentimento de não pertencimento a equipe de ESF.

**PALAVRAS-CHAVE:** saúde coletiva, atenção básica, profissional de saúde